Acervo ISA

18 de dezembro, 1974

O CRUZEIRO **EXCLUSIVO**

#51

ORLANDO VILLAS BOAS conta o que foi a Assembléia dos chefes indígenas

XINGU

ALERTA CONTRA O 'PERIGO BRANCO'

Depoimento prestado a ARLINDO SILVA
Fotos de ANTONIO MOURA

A "bancada" do Xingu pode ser vista na foto à esquerda. Nada menos de 48 caciques estiveram reunidos no Posto Leonardo para tomar atitude: não sair de suas terras para ir ao encontro dos brancos, e não deixar que os brancos invadam seus territórios. A assembléia foi dirigida pelos irmãos Cláudio e Orlando Villas Boas, dois autênticos bandeirantes do século XX. Na foto à direita, diante de Orlando e Cláudio Villas Boas, o cacique Tobopombo, da tribo Gorotire, de borduna na mão, protesta contra a invasão branca. Tobopombo usa cocar longo, verde e amarelo. Sua aldeia já está cercada pelas vanguardas civilizadas, que avançam, realizando o trabalho chamado de "colonização". Os índios viverão isolados, dentro dos limites do território que lhes pertence: o Parque Indígena do Xingu. Dali não sairão. E nenhum estranho ali entrará. Compareceram ao congresso todas as tribos do Parque: Kuikuru, Aueti, Meinaco, Matipu, Nafuquá, Kalapalo, Txucarramãe etc.

Acervo ISA

Os índios decidiram que os brancos não mais voltarão a

Foram 32 anos de trabalho na selva. Pacificando índios e zelando pela inviolabilidade de suas terras. Orlando e Cláudio Villas Boas são os típicos bandeirantes do século XX. Até há uns 12 anos havia também Leonardo, o terceiro irmão, o mais novo deles, que sucumbiu vítima de malária. Cláudio e Orlando resistiram, heroicamente, à doença, que mata devagarinho. Cada um deles conta com 200 malárias no corpo tostado do sol. Por causa de suas conseqüências Orlando fez operações nas duas vistas, para salvar-se da cegueira. Nesse longo período de tempo — "gloriosamente tremidos com as crises da malária" —, os irmãos Villas Boas realizaram uma obra incomensurável. Abriram 1.500 quilômetros de picadas na selva, construíram 30 campos de aviação, instalaram 15 Postos de atração, concluíram 6 pacificações de índios bravios. Agora, em meados de novembro, eles reuniram todas as tribos do Xingu numa espécie de congresso. Os índios falaram dos seus temores pelos ataques dos brancos, falaram que o civilizado é inimigo, e combinaram, entre si, que não permitirão a invasão de suas terras pelos brancos. Por outro lado não irão mais ao encontro dos civilizados, que entram selva adentro, nas vanguardas colonizadoras. Os índios viverão isolados, dentro dos limites do território que lhes pertence: o Parque Indígena do Xingu. Dali não sairão. E ali nenhum estranho entrará. Deixemos que Orlando Villas Boas conte o que aconteceu no Xingu.

QUANDO OS CACIQUES DORMEM SOB O MESMO TETO

— A idéia inicial foi fazer uma grande reunião de todos os chefes indígenas, compreendendo não só os índios do Parque do Xingu, mas de outras nações do Brasil Central. Era nossa intenção trazer o xavante, o carajá, o kubenkandrein, o kren-akore. Mas o carajá não pôde vir por falta de transporte em tempo. O xavante não veio porque está em conflito, no Posto de São Marcos, com os fazendeiros que invadem suas terras, conflito que se torna cada vez mais sério. O kubenkandrein não veio porque os chefes estavam doentes, com gripe. O mesmo aconteceu com os capitães kren-akore (índios gigantes). De fora do Parque veio somente o gorotire, que pertence ao grupo caiapó, cuja aldeia se situa às margens do Rio Fresco, afluente do Xingu. Estavam, entretanto, presentes, todas as tribos do Parque, que são Kuikuru, Aueti, Meinaco, Matipu, Nafuquá, Kalapalo, Kamaiurá, Waurá, Iualapiti, Trumai, Txicão, Cajabi, Juruna, Suiá, Txucarramãe. Era nossa intenção estabelecer uma melhor união entre os índios da "concentração de baixo" com os índios da "concentração de cima", isto é, dos índios do Posto Diauarum com os do Posto Leonardo — ambos no Xingu. Os juruna, os suiá, os cajabi e os txucarramãe vivem no Posto Diauarum. As demais, no Posto Leonardo. Entre alguns desses grupos, há muito tempo notamos certas arestas, que poderiam de um momento para outro se transformar em conflito. Por exemplo, os cajabi tinham sempre na mira os camaiurá, apesar de serem tribos irmãs, porque da mesma língua tupi. É uma animosidade que vem de há muito tempo. Há 20 ou 25 anos os camaiurá, inadvertidamente, mataram um índio cajabi e estes, até hoje, não perdoaram os camaiurá, e vivem falando num revanche. Essa revanche vem sendo adiada, e nós sabemos que não ocorrerá enquanto nós estivermos na área. No momento em que nós saíssemos o conflito seria inevitável. Digo seria porque nesta reunião fizemos questão de promover um pacto e fazer uma amizade bem grande entre os cajabi e os camaiurá. E então nós vimos os dois ferrenhos inimigos se confraternizarem e dormirem juntos na mesma casa. Isso foi um fato da maior importância: fazer os capitães dormirem na mesma casa. Arranjamos uma maloca bem grande, de 30 metros de comprimento por 14 de largura e 9 de altura e fizemos todos os capitães dormirem ali. Só os capitães. Não permitimos que outros índios ali dormissem a não ser os capitães. Então vimos 48 capitães dormindo sob o mesmo teto, coisa que não acontece nunca, jamais, porque na maloca onde dorme um kuikuru um meinaco não dorme e onde dorme um cajabi não dorme um camaiurá. Um índio de uma tribo não dorme jamais na casa de outro índio. Dorme fora, no mato, debaixo da chuva, abrigando-se sob troncos ou árvores, mas não dorme sob o mesmo teto. Esse milagre nós conseguimos nessa reunião: todos os caciques dormiram na mesma casa. E coisa curiosa foi que eles ficaram conversando até 3 horas da madrugada, usando o português como língua comum, e aqueles que não sabiam português valiam-se de intérpretes. Então o nosso primeiro objetivo foi alcançado: estabelecer a união, criar laços de profunda amizade e camaradagem entre todos os grupos indígenas xinguanos.

"O CIVILIZADO É NOSSO INIMIGO"

— O segundo objetivo — continua Orlando Villas Boas — também de extraordinária importância, foi este: nós queríamos um depoimento de cada tribo sobre uma coisa nova que está invadindo o Brasil Central — as frentes de penetração, as grandes fazendas, os grandes incentivos que estão se instalando em torno do Parque Nacional do Xingu, estradas que o cortam, ou que estão ameaçando avançar pela reserva. A nossa **falação**, nesse encontro, o nosso objetivo, a constante nossa foi dizer aos índios que, enquanto eles permanecerem dentro de suas reservas, com seus recursos, eles continuarão sobrevivendo. Mas no momento em que eles saírem de suas áreas e começarem a participar do trabalho dos civilizados nas fazendas, quer com trabalho remunerado, quer apenas freqüentando essas fazendas, eles estarão dando os primeiros passos para sua extinção. Isso valeu, valeu muito. Deu um resultado estupendo, porque nós vimos que a preocupação dos índios, em todos os "discursos" feitos por eles, é exatamente essa. Eles disseram: "O civilizado não é nosso amigo! O civilizado é nosso inimigo. São poucos os que gostam de nós. Os outros, não. Os outros são mentirosos. Vêem e depois querem tirar a nossa casa, a nossa terra, as nossas filhas, as nossas famílias". Essa foi — acentua Orlando Villas Boas — uma constante na boca de todos os caciques, e na presença do general Ismarth Araújo de Oliveira, presidente da Fundação Nacional do Índio — Funai, que compareceu no último dia da reunião (que durou dois dias). O general ficou altamente impressionado com tudo o que viu e ouviu. Dava idéia, até, pela postura dos índios, pela espontaneidade com que eles falavam, que era uma coisa combinada. Mas não foi absolutamente. Fizemos questão de nem sequer revelar os pontos que seriam abordados nessa reunião, e muito menos sugerir o que os índios deveriam dizer. Tudo o que eles disseram não foi surpresa para nós — porque já conhecíamos o ponto de vista deles. Nada, absolutamente nada, foi premeditado. Os índios falaram o que quiseram, usando palavras que bem entenderam. Uns falaram tranqüilamente, outros exaltadamente. Um capitão camaiurá, por exemplo, falou exasperadamente, usando até palavrões: — "Civilizados é filho do cão, civilizado é ladrão de terra, ladrão da nossa casa, da nossa gente. Nós tivemos muita sorte porque ainda não tivemos que brigar por terra. Quando os civilizados entraram aqui — que foram Orlando, Cláudio e Leonardo — eles logo falaram que não iam deixar os brancos tomar nossas terras. Chegamos até a ficar tristes, porque pensávamos que os civilizados, vindo até aqui, iriam ficar nossos amigos, e nos dariam muitas coisas, presentes e ferramentas. Mas hoje vejo que foi bom para nós não terem vindo. Se eles tivessem entrado, eles teriam roubado a nossa terra, teriam acabado com tudo que é nosso. Fizeram assim com os irmãos carajá"... Nesse instante — conta Orlando — o capitão gorotire levantou-se e disse: "Fizeram assim com a minha gente, e já fizeram o mesmo com os nossos irmãos kubenkandrein". Aí o cacique txucarramãe aparteou: "Estão tentando fazer o mesmo com a nossa terra, com a BR-80 cortando nosso território. Mas, agora, vamos fazer o seguinte: vamos ficar todo mundo amigo e unido. Nós somos índios. Civilizado quer dividir a gente, mandando um grupo para cada lado. E quando cada um for para um lado, eles matam o mais fraco. Depois, o outro, e depois o outro"... Comenta Orlando Villas Boas: — Veja só como eles, os índios, já estão com medo daquela velha política da Rainha Vitória: "dividir para reinar." Foi uma coisa muito bonita. O kalapalo falando, o suiá, o cajabi, o camaiurá... De tal forma terminou a reunião que o general Ismarth, bastante comovido com aquele ambiente, jurou, de pé junto, perante todos os caciques presentes, que eles ficassem tranqüilos, pois no momento em que as terras deles fossem invadidas ele, general, lá estaria, não apenas como presidente da Funai mas também como um fiel amigo dos índios — para defendê-los. Os índios ficaram felizes e, em cada rosto, antes carregado de revolta e inquietação, surgiu um sorriso".

"NÃO VAMOS ABANDONAR O ÍNDIO"

Orlando Villas Boas, neste depoimento exclusivo para O CRUZEIRO, esclarece que o que houve no Xingu "não foi uma despedida nossa dos índios, como muitos jornais noticiaram" E acrescenta: "Estamos aguardando a solução final de nosso processo de reclassificação para pedir nossa aposentadoria. (Antes, queriam nos dar apenas 700 cruzeiros mensais.) Se formos reclassificados numa faixa que compense nos aposentarmos, nós requereremos aposentadoria mas isso não quer dizer que vamos abandonar o índio. Absolutamente. A aposentadoria seria exclusivamente para fugir da coisa funcional, da coisa burocrática e administrativa, mas nunca do assunto índio. Tanto que já temos acertado com o presidente da Funai que, após a nossa aposentadoria, e sem ônus para esse órgão, Cláudio e eu participaremos, todas as vezes que a nossa presença for necessária, dos trabalhos nas zonas conflitadas, nas áreas de atração, em qualquer ponto fora da nossa área tradicional, onde formos úteis. Não queremos que a aposentadoria represente contratos para mais tarde. Isso chegou a ser oferecido pelo ministro do Interior. Nós esclarecemos, porém: "Ministro, não queremos isso, porque isso daria a impressão de que nossa aposentadoria seria apenas visando um ganho maior". Não. Fazemos questão de continuar prestando nossa colaboração à Funai, principalmente a uma Funai que está nascendo com idéias renovadoras, uma Funai que está se humanizando, uma Funai que já não fala tão taxativamente na integração, mas no respeito à cultura do índio, uma Funai que já recomenda que esse processo integrativo seja desenvolvido apenas com aqueles índios já em contato adiantado com a civilização. De modo que a nossa saída seria como um deslocamento de uma área regional para o âmbito nacional. E outra coisa: ficaríamos desempenhando uma espécie de regência da política indianista do Parque do Xingu. Isso foi proposto pelo próprio general-presidente da Funai. Continuaríamos presentes, acompanhando o desenrolar das coisas no Parque, porque, embora a reunião recém-realizada entre os caciques tenha sido um grande sucesso, é possível que, amanhã, os índios se desavenham, e então nós estaríamos presentes para apaziguá-los. Não é que a gente tenha mais capacidade que aqueles que irão ficar no nosso lugar. Não. A questão é que os índios se tornam muito afeiçoados àqueles que conhecem e convivem há muito tempo. A faixa das idades dos homens que hoje dominam as aldeias do Xingu é de 35 a 40 anos. Ora, são índios que, de 30 anos para baixo, nós vimos nascer. De 30 para cima nós conhecemos com 10 anos. Assim, passamos ao lado deles quase uma existência. Por isso muitos nos chamam de "pai", outros de "avô". De modo que é essa ascendência sobre eles, resultando do convívio de muitos anos, que eles levam em consideração. Nós sempre fomos bem recebidos entre eles exatamente porque nunca tivemos a preocupação de exercer **autoridade** nenhuma, sobre qualquer comunidade. Por isso eles crêem na gente. Eles sabem que nós só desejamos ajudá-los — ajudá-los quando eles nunca precisaram de ajuda... Ajudá-los a resolver problemas que nós próprios criamos. O civilizado chega, cria o problema e depois diz que o problema é do índio. A reunião do Xingu teve esse dom de alertar os chefes das aldeias sobre o perigo dessa promiscuidade com o civilizado. Nós guardamos um documentário excepcional dessa reunião, com a gravação de todos os "discursos" dos índios, na língua original, e depois traduzidos para o português. É um documentário para a posteridade.

COMO NO DIA EM QUE O BRASIL FOI DESCOBERTO

Orlando Villas Boas explica as razões da criação do Parque Indígena do Xingu. — "Quando

Acervo ISA

invadir suas terras

a expedição Roncador-Xingu, realizada há mais de 30 anos, atingiu a área do Alto Xingu, nós ficamos surpreendidos ao encontrar ali índios falando línguas diferentes. Mais tarde nós, sem sermos etnólogos, ficamos sabendo que a UNESCO, pelas notícias que tinha a respeito daquela área, considerava-a o mais belo mosaico lingüístico, de línguas puras, do continente. Ali, por fenômenos migratórios ainda não bem estudados, encontram-se índios das diversas nações, reunindo os 4 principais troncos lingüísticos, que são: gê, tupi, aruak e caribe. Ali existem outros índios, que falam línguas que não pertencem a esses troncos básicos. São as chamadas línguas isoladas. Nós temos lá 3 línguas isoladas e, além disso, dialetos tupi, aruak e caribe. O txição, por exemplo, foi recentemente classificado como caribe, mas o kuikuro, que é caribe puro, não entende palavra do que o txicão fala... Então é um dialeto distanciado do caribe. A idéia da criação do Parque Indígena do Xingu não se limita à preservação das culturas indígenas, mas também da fauna e flora, ainda intocadas. E isso servirá para quê? Além do aspecto puramente humano, o Parque servirá para se resguardar, para o futuro, uma imagem do que teria sido o Brasil no dia do seu descobrimento. Um Brasil que vem sendo descaracterizado com uma violência extraordinária, pela indústria extrativa, que já modificou o aspecto do Rio Araguaia, do Tocantins, do Baixo Tapajós e de outros grandes rios brasileiros. A idéia do Parque surgiu em 1952. A conversa inicial foi entre o Presidente Getúlio Vargas e uma comissão composta pelo saudoso marechal Rondon, a etnóloga Heloísa Alberto Torres, o médico-missionário Noel Nutels (há pouco desaparecido), o etnólogo Darcy Ribeiro, Cláudio Villas Boas e eu. Também estava presente, acompanhando-nos e dando-nos respaldo, o vice-presidente de então, Café Filho. Getúlio ficou muito impressionado com as coisas que ouviu e prometeu estudar o assunto, mas morreu, dois anos mais tarde, sem criar o Parque do Xingu. Este somente foi criado em 1961, dois meses após ter Jânio Quadros assumido a Presidência da República. É uma área de 26.000 km2, mas foi cortada, na sua região norte, pela BR-80 e se transformou em área de atrito entre índios e civilizados, porque ali existe um povoado de trabalhadores, com a clássica "vendinha" de cachaça, muito próxima à aldeia dos txucarramãe. De vez em quando os índios iam à estrada e lá eram forçados a tomar bebida alcoólica. Mas os índios sempre reagiram. No ano passado houve, até, um conflito muito sério, que continua em potencial e que, num instante qualquer, pode explodir, porque aqueles brancos muitas vezes invadem as terras do Parque para tirar castanha, caçar ou pescar. É quando podem ocorrer os encontros com os índios, que podem terminar em carnificina de lado a lado. É precisamente isso que queremos evitar. Por isso foi feita essa reunião de índios no Xingu. A presença do civilizado nas zonas limítrofes do Parque sempre provoca curiosidade do índio, que, naturalmente, se aproxima, na esperança de ganhar presentes, ou ferramentas. Ou simplesmente, para ver alguma coisa nova — fugir àquele seu mundo milenar. Mas isso constitui para ele um perigo enorme. Na reunião que promovemos alertamos os índios para esse perigo. E eles demonstraram que estão muito mais conscientes dele do que poderíamos imaginar. Os próprios caciques falaram desse perigo: — "Não sair de nossa terra", disseram eles. Houve até um capitão que falou bem alto: — "Se a gente sair de nossa terra para ir na terra do fazendeiro, ele também pode vir de lá para a nossa terra". No momento — informa Orlando Villas Boas — estamos preparando a aldeia para onde serão deslocados os kren-akore (os chamados "índios gigantes"). É uma aldeia com 3 casas muito bem feitas, enormes, com roças muito bem plantadas e um pomar — coisa raríssima em aldeias indígenas. Essa aldeia foi cedida pelos cajabi para servir de morada aos kren-akore, pouco ao sul do Posto Diauarum. Se os kren-akore ficarem onde estão, às margens do Rio Peixoto de Azevedo, dentro em pouco desaparecerão. Porque a BR-165 (Cuiabá-Santarém) passou por dentro da área kren-akore. E aqueles índios estão sempre à beira da estrada, pois a aldeia fica a uma distância de apenas 25 km. Se não forem retirados, desaparecerão inexoravelmente pelo contato destruidor com o civilizado.

Xinguanos durante os debates. Embaixo: o chefe Lituari quer a união dos índios.